Sképsis: Revista de Filosofia
ISSN 1981-4534
Vol. XVI, N. 31, 2025, p. 122-124

RESENHA

REINOSO, G.; PANINI, F.; DI TOMASO, S. (ORGS). *NEOPIRRONISMO CLÁSICO Y CONTEMPORÁNEO. DISCUSIONES EN TORNO AL LEGADO ESCÉPTICO*. CÓRDOBA: FACULDAD DE FILOSOFIA Y HUMANIDADES, 2024, 168P.

Marcos Balieiro
Universidade Federal do Sergipe
Email: mbalieiro@academico.ufs.br

Há décadas as pesquisas em torno do ceticismo constituem um campo fértil para a pesquisa filosófica no Brasil. Esse ponto não é novidade, e pode ser aferido por quem quer que observe produções recentes não apenas de GTs da ANPOF ou grupos de pesquisa específicos, mas, também trabalhos acerca de autores como Montaigne e David Hume, mesmo quando o ceticismo não é o foco principal.

Por outro lado, é possível que passem despercebidas, com alguma frequência, boas produções de estudiosos de outros países sul-americanos em torno das várias formas de conceber o pensamento cético. Nesse sentido, é particularmente bem-vindo o livro *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*, organizada por Guadalupe Reinoso, Federico Uanini e Sebastián Di Tomaso e publicada pela editora da Facultad de Filosofía e Humanidades da Universidade de Córdoba. A obra inclui textos tanto de estudiosos experientes quanto de jovens pesquisadores, e cobre uma variedade considerável de temas e autores.

A introdução pode conduzir o leitor a pensar que, enquanto os primeiros cinco capítulos dizem respeito a um tratamento mais "conceitual e histórico" das fontes antigas e modernas do ceticismo, os demais estariam concentrados ou em debates contemporâneos ou em discussões mais pontuais. Do modo como vejo, não é bem esse o caso: pode-se perceber, em praticamente todos os capítulos, que os autores realizaram esforços consideráveis no sentido de mobilizar tanto textos antigos quanto obras que, desde a modernidade, apropriaram-se do pensamento cético tanto para lidar com antigos debates quanto para tentar chegar a resultados originais. Isso ocorre mesmo nos capítulos dedicados a temas mais pontuais. Esse é um aspecto importante quando se tem em vista a grande variedade de temas discutidos ao longo.

O primeiro capítulo, de Guadalupe Reinoso, propõe uma superação da controvérsia entre rústicos e urbanos por meio de uma solução inspirada em Wittgenstein, que a autora chama de performativa. O pirronismo, a partir daí, deve ser encarado como uma *agogué* que promove uma habilidade argumentativa, que se volta para considerar a própria filosofia.

A noção de *agogué* tem grande importância, também, no segundo capítulo, escrito por Tristán Fita. Trata-se, aqui, de compreender como essa noção permite atribuir consistência interna ao pirronismo de Sexto Empírico ainda que ele não possa ser visto como um tratado sistemático ou algo que o valha.

O terceiro capítulo, de autoria de Federico Uanini, lida com a presença do ceticismo nos *Ensaios* de Montaigne. O autor procura, ao longo do texto, enfatizar a

importância do conceito cético de *zétesis* para a compreensão de um aspecto central da obra montaigniana, a saber, o autoconhecimento.

No capítulo seguinte, Sebastián Di Tomaso empreende uma defesa incisiva da filosofia de Fritz Mauthner. Contra os estudiosos que a descreveram como um projeto autodestrutivo, o autor procura mostrar que Mauthner teria possibilitado uma atualização de alguns aspectos do pirronismo sextiano, destacando paralelos entre a atividade crítico-linguística e a antiga *zétesis* pirrônica.

O quinto capítulo, escrito por Rodrigo Pinto de Brito, considera a crítica de Walter Benjamin a Fustel de Coulanges e empreende uma reconstituição das concepções de história na Antiguidade para atribuir a Aristóteles a ideia de que a história se caracterizaria pela pretensão de revelar a verdade sobre eventos passados. Desse modo, mesmo histórias modernas e contemporâneas que teriam se denominado pirrônicas (como a de Coulanges) teriam sido muito mais influenciadas por Aristóteles.

No texto que se segue, Ciro Botta apresenta uma análise das paixões no âmbito do pirronismo antigo, tomando como ponto de partida algumas posições adotadas por Martha Nussbaum. O tema principal do capítulo diz respeito ao vínculo entre crenças e paixões.

O sétimo capítulo, de autoria de Soledad Massó, é dedicado às acusações segundo as quais o pirronismo teria como consequência a *apraxia*. Esse tema leva a autora a recusar tanto a interpretação rústica quanto a urbana do pirronismo, em favor de uma proposta que tenha por base a prática da vida em sociedade.

Em seguida, Rocío Herrera lida com um tema espinhoso do pensamento de Hume, a saber, a identidade pessoal. Lembrando que, no "Apêndice" escrito dois anos após o Livro I do *Tratado da Natureza Humana*, o filósofo, longe de resolver a questão, invoca o "privilégio do cético", a autora se pergunta em que, exatamente, consiste esse privilégio. Em seguida, parte daí para tomar posição em um debate clássico: Hume estaria mais próximo do ceticismo pirrônico ou do acadêmico?

O último capítulo, escrito por Alison Caceres, diz respeito à importância do pirronismo para a formulação do famoso "argumento da aposta", de Pascal. Para isso, faz uma análise da maneira como o pensador francês teria considerado o pirronismo e, portanto, os limites da razão, a fé e a maneira como a graça é considerada no pensamento pascaliano.

Mesmo no caso de capítulos sobre temas ou autores específicos, é bastante perceptível a disposição para encarar discussões que têm caracterizado os debates sobre o ceticismo em suas várias formas. Questões como a querela entre "rústicos" e "urbanos", o problema do critério, as aproximações e diferenças entre crença e conhecimento, entre outras, podem ser pensadas mesmo a partir de capítulos que não dizem respeito propriamente a elas. Ao fim e ao cabo, por mais que os capítulos tenham sido escritos por diferentes autores, e pensados para serem lidos isoladamente, *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico* tem certos temas que lhe conferem certa unidade, para além do mero rótulo de ser uma obra sobre ceticismo.

Por outro lado, tendo em vista que o que se apresenta ao público é, à primeira vista, um mosaico bastante diverso de temas relacionados ao ceticismo, o livro não deve ser visto por potenciais leitores como uma obra introdutória ou algo que o valha. Em que pese o fato de temas centrais da tradição cética estarem presentes em quase todos os capítulos, boa parte destes lida com problemas particulares, que interessam principalmente a especialistas ou a pesquisadores de pós-graduação. Entretanto, esse não é, de maneira alguma, um fator que deve ser percebido como demérito. Sabe-se, na verdade, que essa é uma característica praticamente inevitável em coletâneas desse tipo, as quais usualmente têm públicos-alvo específicos.

Nesse sentido, o que vale ressaltar é que cada capítulo oferece uma análise interessante, por vezes provocativa, acerca de seu tema, o que o torna atrativo para

estudiosos de vários tópicos diferentes. Além disso, o fato de a obra trazer análises relevantes sobre temas tão diversos a torna particularmente adequada para aqueles que, além de análises rigorosas e provocativas, procuram ter uma boa ideia de quais tópicos e interpretações vêm atraindo a atenção de pesquisadores do ceticismo.